



## Douceur / Suavidade

Paula Francisquetti e OlivierAprill

Ó alma errante e instável da gente que anda embarcada...  
Ó fugas contínuas, idas, ebriedade do Diverso!  
Fernando Pessoa / Álvaro de Campos, *Ode marítima*.

Antes de partir, meu irmão pedira-me que lhe enviasse uma curta mensagem assim que o navio cruzasse o “caldeirão” (*pot-au-noir*), essa “zona de convergência intertropical” (como chamam os viajantes transatlânticos) situada ao largo da África, entre o sexto e o sétimo paralelos norte, e que se manifesta, entre outras coisas, por uma total calmaria (daí a angústia dos velejadores de outros tempos). Evocáramos esse estranho fenômeno ao mesmo tempo geográfico e meteorológico que nos fascinava, lembrando-nos de uma passagem de *Tristes Trópicos* na qual Claude Lévi-Strauss descreve magnificamente a atmosfera que reina nessa latitude — uma região do oceano pouco extensa, segundo os mapas, mas que a rota marítima a mais direta, que leva do arquipélago cabo verdiano ao Brasil, não pode evitar. Partindo, tinha então na mente uma imagem de céu branco e oceano branco, tudo branco — não por espírito de contradição com a experiência de gerações de navegadores que tiveram boas razões para chamar isso de *pot-au-noir*, mas porque na minha imaginação a imobilidade é branca, talvez por analogia: assim como a luz branca é composta por uma infinidade de cores, sabe-se também que uma certa imobilidade, por exemplo a de um catatônico, não é senão a resultante de uma infinidade de movimentos interiores. Imaginava um momento bem particular da travessia, no qual nos encontraríamos *empégués* (palavra marsehesa, ausente do dicionário francês, que significa aglutinado, encalmado, atolado, travado) durante várias horas, sem um sopro de ar, prisioneiros de uma brancura pesada e de um horizonte fantasmagórico, sem mais avanço nem retorno possíveis, sufocando sob um peso atmosférico inabitual — um desses “buracos atmosféricos”, dos quais Antonin Artaud fala em algum lugar, “onde o navio que avança é como que tragado”: de repente, o vento e as nuvens tombam, imobilizam-se no seu impulso, as correntes anulam-se,



neutralizam-se, não se interpenetram mais, todos os movimentos cessam, nenhuma ruga sequer na superfície da água, nasce o sentimento (um sentimento de esmagamento) de estar prensado entre a massa do céu e a massa d'água, é o casamento do céu e do mar o mais completo, tudo se confunde, tudo permanece suspenso, anticiclone absoluto entre dois hemisférios, entre dois Alísios, e nessa espera definitiva, as taxas de umidade do ar e do mar tornam-se instantaneamente muito próximas – na história da navegação, nesse momento, muitos marinheiros observam sobre a pele como que um início de escamação (seu devir-peixe), e de tanto fixar a linha do horizonte sempre idêntica a ela mesma, de tanto espreitar o mínimo sinal na superfície da água, os próprios olhos tornam-se doloridos, como quando os mantemos abertos por muito tempo dentro d'água, é preciso então forçar-se para não fechá-los definitivamente, é preciso forçar-se para efetuar o mínimo gesto, é preciso forçar-se para tudo porque tudo está inerte, em pane, estagnado, nada mais se mexe, pulsa, deseja, se agita, o ritmo primordial atinge sua mais baixa intensidade, em completa osmose com o ritmo de um mundo parado mas prestes a engolir-se e a engolir com ele tudo o que ainda vive – é um pensamento que nos invade (que invadia os marinheiros de outrora surpreendidos nesse ponto morto do globo), o do retorno ao âmago do mar, o do retorno ao nosso elemento aquático original (nosso devir-plâncton)... Como você vê, a história já estava escrita nesses traços gerais (sobre o tema da falha espaço-temporal, minha imaginação certamente confunde os relatos da aproximação da linha equatorial com as velhas lendas que giram em torno do triângulo das bermudas! Mas, afinal de contas, vista de longe, é a mesma água), a história já estava escrita na minha cabeça antes mesmo de zarparmos de Lisboa, só me restava verificar a verossimilhança no local. Ora, não sei no seu caso, nem tampouco o que os outros passageiros guardaram disso, mas eu não vi nada, não senti nada dessa famosa “passagem”! Ao longo da viagem, tive, ao contrário, a impressão de que o mar permanecia o mesmo, “de calmo a pouco agitado” (como anunciava a meteorologia marítima que eu escutava no rádio durante as férias da minha infância), com uma ondulação ampla e regular respirando tranquilamente sob a carícia de uma brisa incessante – uma ondulação apenas perceptível (ela se fazia lembrar somente quando pousávamos o pé em terra, durante as escalas), por vezes lisa, mas o mais frequente crespia, salpicada por uma miríade de borrifos (não é Pessoa quem, na sua *Ode marítima*, evoca “A extensão mais salpicada”



do Atlântico?), essas cristas de espuma que, mesmo multiplicadas ao infinito, não rompem a monotonia do oceano, esse saltar de pequenas bolhas espumantes indicando o estado precário e imprevisível de uma relação de forças obscuras entre um ilimitado superficial e uma insondável profundidade. Somente as cores variavam em função das horas, dos céus, das latitudes. Mas talvez, de uma certa maneira, houve alguns sinais mais manifestos... Um ou dois dias (já não está tão claro na minha lembrança) depois de ter deixado para trás as ilhas de Cabo Verde mergulhadas em sua névoa, e depois de ter visto, ou ter acreditado ver, a alma errante de Cesária Évora alçar voo nas asas de um alcatraz – *saudade, saudade* –, quem sabe você também tenha podido notar que o oceano permanecia em “ponto de gelatina” sob o véu diurno de uma mesma luz difusa, de uma mesma bruma leitosa, refletindo os raios de um pálido sol num torpor desbotado (é incrível como os adjetivos espalham-se palavra após palavra quando se trata de descrever algo tão instável como um universo aparentemente estático), tendo somente colunas de tempestade e cortinas de chuva que se formavam ao longe, mas que pareciam girar em torno de nós sem nunca vir nos ameaçar de muito perto. Experimentávamos nesses instantes, é verdade, uma curiosa sensação: a de estar, não diante, mas dentro de uma *marine* (é assim que se chama em francês uma aquarela ou um quadro representando uma paisagem marítima), uma *marine* um pouco cinza onde todos os contornos perderam sua nitidez e onde os raios de uma luz velada penam em sair da matéria. Não éramos mais do que pinceladas de óleo foscas e mal delimitadas sobre uma tela de juta uniforme. Era talvez isso, o *pot-au-noir*, essa área de indeterminação, (essa “zona de indiscernibilidade”, diríamos em bom deleuzo-guatariano) nos arredores do equador...

De volta, reli Lévi-Strauss (que pessimismo magnífico! Ao escrever isso, pergunto-me, aliás, se é do dele ou do nosso de que falo), seus primeiros capítulos dos quais um se intitula justamente “O ‘Caldeirão’” (*Le Pot-au-Noir*). Reencontrei ali o trecho no qual a terra brasileira – “a imagem visível do Novo Mundo” – aparece-lhe enfim ao término de sua travessia, no início dos anos 1930. De maneira bastante imprecisa, essas poucas páginas, ou melhor, o encantamento que se desprende delas, ainda hoje, ficaram gravadas na minha memória desde minha primeira leitura, por volta dos 14 ou 15 anos (*Tristes Trópicos* foi um presente da minha mãe). Não teria nunca acreditado me ver um dia em condições de compartilhar as mesmas sensações sob as mesmas latitudes, nas mesmas disposições diante



da aparição de uma terra nova e desconhecida. E quando a ilha de Fernando de Noronha despontou no horizonte (Terra! Terra a estibordo!), após muitos dias de alto mar (já na véspera, pássaros marinhos de longas asas em **W** acompanhavam o navio), simplesmente senti ressurgir a melhor parte desse encantamento que permanecera incrustado em mim, adormecido desde minha leitura inaugural (esse momento extraordinário, em que se percebe uma terra pela primeira vez, eu já tinha conhecido há uns trinta anos ao me aproximar do porto de Argel, da terra africana portanto, mas, dessa vez, em direção ao continente americano, a espera era talvez mais impaciente porque mais demorada). Enquanto a costa do Brasil iria permanecer por muito tempo ainda invisível, era como um despertar de impressões virgens que eu revivia, compostas de trapos de imagens que poderiam ter pertencido a um sonho que eu pensaria ter tido... Lembro-me que você então nos falou do esplendor dessa ilha dominada por um penhasco rochoso que se impõe de longe à visão, de sua vegetação equatorial e suas tartarugas, também das ameaças que pesam sobre seu equilíbrio natural...Tantas palavras para mim extraordinárias, vagando ao largo dessa pedra que, desde mais de cinco séculos, deve ter sido a visão “indiana” de muitos marinheiros vindos da Europa. Em seguida, fui (só fui) de descoberta em descoberta. Até São Paulo a gigante, a caótica, uma cidade a meu ver tão incompreensível quanto o oceano (mesmo que você tenha me guiado e eu tenha me deixado guiar de olhos fechados)... Sua imensidão sempre mutante (e sempre igual), seus amplos movimentos de superfície traduzindo a intensidade vertiginosa dos fluxos os mais profundos... Aqui, não há três mil metros de água sob os pés, mas vinte milhões de sonhos e pesadelos desordenados que se chocam e se superpõem em movimentos incessantes, atravessados por uma miríade de pequenos acontecimentos (as cristas de espuma, os “salpicos” de Pessoa). Como o oceano, com suas vias marítimas históricas e lendárias, com suas correntes conhecidas e desconhecidas, seus mapas dos ventos, suas zonas de pressão e depressão, suas fossas sombrias e seus fundos claros, suas sereias e seus monstros, a cidade é estriada por linhas tanto reais quanto imaginárias: linhas de arquitetura vertical, linhas de fratura entre ricos e pobres, linhas de fuga cada vez mais tendendo sempre ao exagero, linhas loucas desse grande corpo musical que o país inteiro parece querer ser... Para um europeu (para o velho europeu que sou), o Brasil será sempre o “novo mundo”!

\*\*\*



No caminho para o Brasil, depois da passagem pelas Ilhas Canárias, fui tomada por um torpor. Inquietavam-me a perspectiva de vários dias em alto mar, a visão de um abismo entre nossos grupos, a confusão de línguas. O *Splendor* não se mostrava convidativo. Ao entrar, preenchemos uma montanha de papéis. O ambiente era repleto de corredores, portas, espelhos, dourados, tapetes, luzes; um estranho labirinto, onde só às vezes podíamos entrever o mar ao longe, distante, do lado de fora da bolha gigante que era o navio. Tudo feito para esquecer o mar, e depois o mar, e ainda... o mar poliglauco, polifosfóreo, o mar liso como pele de fera, absoluto de azul, polipantera, como diz o poeta brasileiro Haroldo de Campos. Dizem que o espaço está morrendo, seria isso?

Sempre a mesma decoração, a mesma comida, o mesmo filme na televisão, a mesma música ruidosa, os mesmos dourados polidos por funcionários devotados, os lençóis impecáveis. Tudo voltado para o entretenimento consumista, vazio. Lógica da máxima eficiência em direção ao máximo lucro, e para isso: uniformes, atenções, desatenções, lugares proibidos aos passageiros. Nenhuma sombra à vista. Fiquei espantada com a hierarquia militar dos garçons do restaurante do quarto andar. Assaltava-me a saudade de um mar acessível ao mergulho; da espuma branca abraçar o corpo revirado pelo estouro das ondas; de boiar à noite nas águas mornas do verão; e ainda, de afundar os pés na areia fina da praia, dessa sensação de aconchego e preguiça.

Toda essa paisagem que você descreveu, eu apenas vislumbrava por frestas, pequenas aberturas súbitas em meio ao nosso cotidiano oscilante e às vezes bem turbulento. Nada de constância, nem de calma. Era um grande alívio chegar ao convés do quarto andar, o lugar no navio mais próximo do mar, e sentir o vento desarrumar o cabelo, as roupas; respirar o aroma salgado da maresia; sentir os pequenos respingos da água. Meus olhos quase fechavam diante da imensidão azul que nos envolvia e balançava. Azul sobre azul. Sensação de pequenez, espanto. Sensação de vertigem diante do horizonte longínquo e por vezes indiscernível, borrado, puro halo, massa de céu e de mar embaralhados. Mergulho numa marinha.

E os sonhos que você registrou em seu gravador? Gostaria de escutá-los. Foi um presente você abrir esse espaço de fabulação em meio ao nosso claustro marítimo, ao nosso *sfumato*, ao nosso *le pot au noir* particular. Você deve ter recolhido preciosidades, dinamites. Quero te contar ainda outro sonho para fazer parte do seu tecido sonoro, do seu “caldo” surrealista. Ele aconteceu na noite de nossa passagem pela Ilha de Fernando de Noronha. Descansava na cama da cabine quando uma



borboleta amarela entrou pela porta da varanda. Estranhei aquela borboleta vinda do mar. Tenho aflição das asas batendo muito rápido, dos voos baratinados. Tentei esquivar-me, fugir da borboleta que saltitava pelo quarto, mas ela, ousada, pousou bem no meu ventre. Perplexa com essa visita inusitada, fiquei imóvel, sem saber como fazer, e nesse impasse o sonho terminou. Acordei com uma sensação diferente em mim, um ardor amarelo no meio do peito, uma alegria despreocupada.

Aos 8 anos também sonhei com uma borboleta amarela, mas dessa vez era eu a própria borboleta e voava num jardim que parecia o da casa da minha avó. Despontavam rosas, cravos, violetas, orquídeas, crisântemos, damas-da-noite, sempre-vivas, jasmims, girassóis... Seguia de flor em flor, atravessando as ilhas de luz deixadas pela vegetação mais alta e mais fechada. Tinha a sensação de extrema liberdade, embora fosse esquisito meu corpo fino e frágil. O sonho durou um bom tempo, até que ouvi um forte estrondo, parecido com um trovão. A voz de alguém se aproximava... Não recorro de mais detalhes. Talvez o sonho tenha se interrompido aí. O sonho do navio lembrou-me desse outro mais antigo, e isso redobrou minha alegria. Esse ardor amarelo, de onde vinha? De que outros jardins? E o estrondo, viria novamente? A borboleta mudou algo em mim, o estado de torpor desapareceu. O ardor, resto noturno, passou a me visitar. Amarelo sobre azul. Erupção, flutuação, coabitação de mundos... jardim suspenso.

Apesar da blindagem, do mundo plastificado do navio, tudo balançava. Os dias transcorriam pincelados por uma guerrilha velada contra o rolo compressor reinante. Notei movimentos estapafúrdios, emoções à flor da pele, desenvolturas, estranhamentos, palpitações, tremores, inseguranças, avanços, trancos, cabotinagens... Com pequenos gestos, delicadas pontes, encontros desparalelados, construímos proximidades, estabelecemos distâncias, tecemos algo novo entre nós, fio a fio, costura a costura. Fios de ouro, fios multicoloridos. Espaço mágico. É difícil falar disso, pois o que é novo e único ninguém sabe de onde vem, nem para onde vai.

Percebo que nem tudo naufragou. Ainda vêm à tona sonhos, devaneios, lembranças, palavras. Você já ouviu falar do fenômeno da ressurgência ou do afloramento? Em alguns pontos do oceano, de quando em quando, o mar regurgita de seu fundo aquilo que vive nas profundezas. Em contato com a luz, com a maior proximidade da superfície, pequenos seres do fundo do mar ganham vida e servem de nutrientes para outros seres. Os ventos, as correntes e a rotação da terra seriam os responsáveis por toda essa fértil movimentação. Divertiu-me pensar



na ressurgência em nós, em nossos mares. Força do elemento aquático original, dança de moléculas. Bolhas de ar em busca da superfície. Retorno do *yellow submarine*. Você acha possível sobreviver nesse mundo sem cabana mágica?

Ainda vejo a imagem da cidade de Salvador, ao longe, ficar cada vez menor, e o navio distanciar-se lentamente da costa. Vários tons de laranja, de vermelho e de rosa cobrem as pequenas casas coloridas da Cidade Baixa, amontoadas, uma sobre a outra, com o elevador Lacerda dobrando-se sobre elas. Um apinhado de gente movimenta-se, às voltas com os preparativos de uma festa de Largo, em frente à Igreja de Nossa Senhora da Conceição da Praia. Diferentes barcos bordam a Baía de Todos-os-Santos, em chegadas e partidas, enquanto algumas gaiotas abandonam-se em voos rasantes nas proximidades. Laranja, vermelho e rosa sobre azul. Aparentemente inofensiva, essa imagem que volta, fresca doce do mundo, bagagem sorrateira, é também pontiaguda, cortante.

Você notou entre nós um inventor de palavras? Um dia, numa conversa, ele soltou a palavra contemplástico. Foi uma alegria, um júbilo. A partir daí a recém-nascida ganhou grande circulação entre nós. Aqui e ali alguém perguntava, mas o que é mesmo contemplástico? Algumas ideias foram lançadas: um mundo plastificado; outra, um mundo bem ordenado, arrumado, feito para ser contemplado, visto, comprado; e ainda outra, um olhar plástico, flexível, capaz de esculpir formas. Me impressiona essa potência grupal, essa disposição de utilizar uma palavra nova. E mesmo vocês que falam outras línguas entraram no jogo e na invenção de grafias.

Algo assim acontece desde o início do Ueinz. Fazia parte de nossa primeira peça, *Ueinz–Viagem à Babel*, a Torre de Babel e sua confusão de línguas. Não é à toa que o nome, Ueinz, é palavra inventada (estrela nova na constelação de palavras do mundo!). Quando o abismo é grande, só nos resta a criação. Demorou um certo tempo para estabilizar a grafia atual. O trabalho “Finnegansueinz” tinha como ponto de partida Joyce oferecendo-nos seu jorro de palavras inventadas, torcidas, juntas, esfaceladas, assim como um lindo jogo com as sonoridades.

A palavra contemplástico continua em gestação. E há uma responsabilidade coletiva implicada; sem isso ela não ganharia consistência, densidade, força de comunicação, circulação. Depois da viagem, outra palavra saltou de um de nossos disparadores–inventores: desparalelado. Ela nasceu da experiência da travessia. Não teria palavra melhor para designar uma forma de estar em outra sintonia. Ela nos remete a uma das várias possibilidades de estar no mundo, de estar junto, pois



no desparalelo há um encontro possível na diferença. Outras grafias possíveis: desparalelado e desparallelada. Novo desafio para nosso laboratório–berçário de palavras, nosso grupo de inventores malucos.

Você sabe que nunca havíamos ficado tanto tempo juntos? Foi um daqueles períodos de adensamento da vida, riscos, palpitações. Gostava de ver os pássaros mergulharem de bico no mar em busca de peixe. Também nós fizemos mergulhos em zonas desconhecidas, buracos fundos, brancos descomunais, labirintos tortuosos, pântanos, ruídos, galáxias, cintilâncias, azuis. Como você, também vivi uma desterritorialização. Uma tábua do meu chão soltou.

Em meio à nossa correspondência alguém saltou. Veja só!!

### **Um viajante suspira por Lolita**

Desejos de gente, cachorros passando, copos, bumerangues.

Ana Cristina Cesar, *Correspondência Incompleta*.

Meu corpo é pesado, desequilíbrio com facilidade. Tenho de segurar no corrimão das escadas do navio. Vejo o corrimão lustroso, brilhos por todos os lados. Ofuscado, pisco sem parar. Procuo um lugar para contemplar o mundo de fora. Aqui dentro tudo me sufoca, só vejo vermelhos e espelhos. Meu lugar preferido é o convés do quarto andar. Fico ali muito tempo sacolejando e olhando para o mar, as distâncias. Imagino a costa africana, o burburinho, o colorido da roupa das mulheres, os turbantes ao vento. Tenho saudades de casa, da Lolita. Ah! Lolita! Lá no convés meus óculos ficam todos respingados e isso me dá vontade de chorar. É uma longa operação tirar os óculos e limpá-los, devido ao tremor que tenho nas mãos. Quando isso acontece, sempre vem alguém e me ajuda. Sou um cara de sorte. Volto a olhar para frente, perco-me nos azuis do céu, na forma das nuvens. Observo montanhas, cachorros, carneirinhos enfileirados, arbustos. No céu aflora um mundo. Queria alcançar o céu. Outro dia vi um peixe–agulha saltar em direção ao céu, que alegria! Uma coisa assim me dá vontade de rir. Leveza chama leveza. Queria ser um peixe–agulha, queria saltar e voltar para o mar e voltar a saltar em direção ao céu. Seria bom ser peixe, respirar em águas densas, ir longe nas profundezas e voar. Com todo esse peso desequilíbrio. A gravidade tem efeitos penosos. E os astronautas, que maravilha, que liberação! Você já pensou em ser astronauta? Como seria ver o céu a partir da Lua? Seria possível ver dali os abismos siderais, como vemos nas fotografias dos astrônomos?



Volto às milhares de facetas luminosas das ondas. Vem uma ideia assustadora. O Sol um dia explodirá. O susto me toma, percorre meu corpo. Até o Sol morrerá um dia. Tudo morre. É sempre um espanto lembrar da morte. Eu temo pela Lolita, temo pelo azul do mar que um dia deixarei de ver. Ao longe, várias colunas unem céu e mar. Peço que uma tempestade se aproxime e leve embora essas ideias assustadoras. Peço com fé, venha tempestade! Venha! Salve-me! Gosto de estar com meus amigos; olhar para o movimento da rua, os carros, os caminhões, os guindastes, as betoneiras. Outro dia, o navio parou num porto movimentado. Fiquei maravilhado com a profusão de contêineres que havia ali, uma grande extensão de várias cores, um mar. Os guindastes de vários tamanhos trabalhavam sem parar. Emitiam sons esganiçados. Havia dança e música ali. Aliás, adoro ouvir a música das ondas a bater no casco do navio que vence o mar. Anima. Avante *Splendor!* Adoro o barulho do apito quando o navio vai partir, faz sonhar. Bumerangues em voo passam pela minha cabeça. Amores. As partidas, os regressos mexem muito comigo. Ah! Saudades da Lolita! Minha querida cachorrinha! Eh, Lolita!

\*\*\*

Seu texto (seu sonho) está cheio de cores: há o amarelo da borboleta, claro, mas há também uma paleta de vermelhos, rosas, laranjas, azuis; há brilhos e fosforescências, vogais e flores e gruas e madrepérolas, todo um matiz de matérias e pigmentos que formam um tipo de “arco-íris da gravidade” (para retomar o belo título de um romance do escritor americano Thomas Pynchon, você conhece?), do infranegro dos grandes fundos ao ultranegro dos buracos siderais. Em contraste, tenho a impressão de só ter conseguido pintar para você um quadro descolorido, despigmentado, como um tapete persa desbotado ou uma falsa tela de Turner, que teria queimado por demais ao sol e que teria perdido todos os seus valores cromáticos, deixando aparecer somente tons vagos, névoas apagadas, vapores absorvidos, pastéis esbranquiçados. Seriam aqui duas visões inconciliáveis, ou simplesmente duas maneiras *desparaleladas* de estar na paisagem, de perceber o mundo, de conjugar o mental ao entorno – uma (a sua), com suas cores vivas da alvorada, as cores do eterno renascimento, e a outra (a minha), com seus coloridos fundidos e confundidos, suas aquarelas neutralizadas, seus cinzas naufragos, horizontes plúmbeos, vibrações do cair da tarde? Cai a tarde, cai a cortina... Cai o veredicto, a sentença, a guilhotina...



A ideia latente desse encadeamento gótico (tendência *destroy*), desse bordão macropolítico não é novidade. Ao desenrolar o fio da metáfora, é de fato fácil perceber o afeto, o sentimento gasto, que desponta atrás dessa tonalidade crepuscular: é, você terá adivinhado, o de fim de um mundo, ou de uma vertigem da abolição, ou da decadência de Roma, ou do declínio do império, ou da extinção dos dinossauros etc. Ou seja, aqui, o de falência de uma Europa que só soube enxergar além de suas fronteiras através de lentes mal ajustadas, fracas demais ou fortes demais; o canto do cisne de uma velha civilização conquistadora que, no instante de sua queda, no próprio momento em que é forçada a olhar de frente sua triste figura (último “estágio do espelho” com seus efeitos despersonalizantes), não é capaz senão de reproduzir clichês velados, super ou subexpostos, num devir-cinza generalizado (à noite todos os gatos são cinzas, diz o provérbio francês). Lévi-Strauss (mais uma vez ele) pressentira, já há muito tempo, a inelutável terceiro-mundialização de um Velho Continente que, após tantos “grandes descobrimentos”, grandes genocídios e grandes guerras, acabaria sendo atingido pelas suas próprias nocividades. Assim como os Índios estudados pelos etnólogos, nas florestas brasileiras, não são “primitivos”, mas os últimos sobreviventes de altas civilizações desaparecidas, nós seríamos, hoje, “nós”, os europeus endividados, somente os cacos, as ruínas, os restos de um *desaparecimento anunciado*, o que subsiste sem razão quando tudo parece condenado. Longe de ser a expressão accidental de uma subjetividade isolada (a minha), enxergar o mundo na escala dos cinzas, dos desfocados, com o olhar de um rosto pálido ou de uma minhoca, seria então a condição comum dos Ocidentais desnorteados, desorientados, desencantados, que não param de entrar às avessas nos ciclos sucessivos da crise e da depressão – doença sintomática daqueles que se encontram de repente sem emprego, sem utilidade, sem presente nem futuro. Apesar de uma tenaz e patética vontade de controle que gira em falso, nós, os “construtores de ruínas” (*Bâtisseurs de ruines*, esse tão lindo título de Clarice Lispector [dado em francês para *A maçã no escuro*]), vemos nosso sentimento de finitude crescer com cada um dos nossos atos (um pouco como a riqueza que aumenta à medida que nos endividamos, ou ainda, como a dívida que aumenta à medida que produzimos, segundo um esquema finalmente bem edipiano!). Uma boa notícia? Sim, pode ser se considerarmos que aceitar esse princípio de finitude e de dissolução é deixar o lugar necessário à morte e ao absurdo; mas isso não se faz sem uma certa perda de consistência, sem um certo *pathos* (a retórica do declínio) e sem o desfrute que vai junto



(é sempre surpreendente ver como a pluma se deixa rapidamente levar para o buraco negro do catastrofismo). Daí em diante, tentar fundir-se o mais discretamente possível no branco da tela não seria a única tarefa que ainda nos cabe? Trabalhar pela nossa retirada, nossa absorção no indeterminado do cenário, não seria o mínimo depois tantas destruições? Nada de desesperado nesse movimento de recolhimento: a depressão, como toda perturbação meteorológica, é um modo de conhecimento insubstituível. Sob a almofada protetora de seu cinzento molar, jazem múltiplas pequenas percepções, múltiplas ondulações vibratórias que só pedem para serem sentidas ou recolhidas (Virginia Wolff conhecia isso muito bem). É certamente por isso que sou tão sensível às suas cores, mesmo se elas vêm à luz tremendo, com o temor de uma *grande explosão* solar. Um pintor amigo de Félix, Gérard Fromanger, disse um dia que, antes de poder começar um quadro, era-lhe necessário “branquear” a tela – uma tela que, atrás de sua virgindade aparente, está de fato recoberta de ruídos e preconceitos. Esse pintor de grandes chapas de cores primárias intitulou um de seus quadros *À mon seul désir* [Ao meu único desejo]. Vê-se, se me lembro bem, um mapa-múndi multicolor com fusos horários sobre um fundo escuro, uniformemente escuro, como se um novo desejo do mundo (em cores) só pudesse nascer de uma ausência, de uma noite, ou melhor, de um magma (de cores). No “quadro” da nossa viagem, você dá pinceladas de azul, vermelho, amarelo (ah, o ardor amarelo!), que atingem essa parte sensível em mim que trabalha para o seu próprio desaparecimento: gotas de cores que vibram como os batimentos de asas de borboletas – como os rasgos de vozes surgidas do inaudível – como tantos sinais perceptíveis na noite despovoada da depressão. Nosso encontro, meu encontro com os Ueinzz inscreve-se nessa cartografia caósmica. A presença de vocês no navio, tal qual uma minúscula máquina de tropismos sempre ameaçada de ser engolfada pelo enorme maquinário do turismo (o caça-níqueis que faz “Bingo!”), salvou a viagem do naufrágio, evitando a implosão completa de nossos agenciamentos coletivos, a desintegração total de nossas subjetividades de exilados do sentido, a capitulação definitiva de nossas mentes cegas – mas veja mais uma vez como é fácil, com tais palavras, exagerar o efeito, deixar-se levar pelo gozo da pluma, do desmoronamento e do desastre, desembocar na histeria tenebrosa, chafurdar-se no tormento do sobrevivente de um perigo imaginário! Ora, porque vocês deveriam endossar a responsabilidade do nosso resgate (da nossa salvação)? Não, o que aconteceu é ao mesmo tempo mais sutil e mais alegre. Os tropismos em questão – esses



ínfimos movimentos quase aflorando na superfície da consciência, tal como os que nos revelou Nathalie Sarraute – geraram uma quantidade de *pequenas aberturas súbitas*, como você diz tão bem, na substância massiva de um teatro do entretenimento surfando nas águas internacionais do capital sem fronteiras (quer dizer, no que aparece antes de tudo como uma questão estatística: soube recentemente, num documentário da TV, que vinte milhões de turistas, ou seja, o equivalente a uma cidade como São Paulo, partem todo ano em cruzeiro de luxo...). Assim, esses movimentos invisíveis a olho nu nos permitiram (me permitiram) encontrar a astúcia, achar as falhas por onde se esgueirar, efetuar ligeiros deslocamentos, discretos passos para o lado (no convés do 4º andar, por exemplo, lá onde se podia enfim ouvir o mar, lá onde eu gravei os sonhos, seus sonhos, nossos sonhos); inverter as perspectivas, os vapores, as pressões, as hierarquias, as estatísticas; e talvez reencontrar a suavidade fugitiva dos contornos e dos halos (segundo a técnica do *sfumato* de Leonardo da Vinci?), o equilíbrio e a harmonia dos brancos, dos pretos, dos cinzas – o cinza tornando-se de novo a cor das misturas, das passagens, das transições, dos limiares (há, no último número da revista *Chimères*, uma bela monografia esquizoanalítica onde se trata justamente da questão do cinza como “componente de passagem”). É o que eu entendo quando você fala de *branco leitoso* e de *oceano poliglauco*. Toda uma micropolítica das luzes, dos simulacros (no sentido antigo do termo), das vozes e dos corpos.

primeiro é uma luz primeiro uma luz úmida uma luz úmida e urbana cujas partículas e as ondas são vozes primeiro vozes cujas partículas e as ondas escapam dos corpos e atravessam a tela é a tela que é primeira a luz que é primeira são as vozes que são primeiras os corpos primeiros a imagem  
primeira primeiro  
é uma imagem um jogo formal é o jogo que é primeiro o jogo da imagem  
da Viagem  
a Viagem e seus rumos  
a Viagem e seu *dépaysement*  
a Viagem e seu fracasso  
a Viagem e seus transportes (amorosos)  
a Viagem e suas viagens

*Como cada um é muitos, isso dá bastante.* Entre todas essas viagens contidas na Viagem, algumas deixaram rastros outros que não rastros mnésicos. Descolada das polaridades bem marcadas, das oposições



bem distintas entre a partida e a chegada, entre o leste e o oeste, entre o velho e o novo mundo, há uma, em particular, que para mim se efetuou e se prolongou no entre–dois, nas zonas de cruzamento, de encruzilhada, de mestiçagem justamente, as zonas intermediárias... (Ano passado, na região de Marselha, comecei a fazer gravações para um documentário radiofônico que se chama, por enquanto, *Zona intermediária* [*Zone intermédiaire*], documentário que concebo como uma “paisagem sonora” (*landscape*) de uma região inventada, completamente reinventada a partir de lugares reais, habitados. Nesse projeto, gostaria de conseguir rastrear as múltiplas linhas de fratura e de intensidade que cortam esse espaço do sul da França, ao mesmo tempo rural e urbano, balneário e industrial, mineral e marítimo, integrado e desintegrado, vazio e superexplorado, gostaria de captar as heterogeneidades sonoras de imagens puramente visuais para recompô–las sob os traços de um país verdadeiro, ou melhor, de um “país–interior” que não existe, mas que me parece trago em mim há muito tempo – um “país–interior” no sentido do poeta Yves Bonnefoy quando escreve: “Muitas vezes provei um sentimento de inquietude, nas encruzilhadas. Parece–me nesses momentos, que nesse lugar ou quase: lá, a dois passos do caminho que não trilhei e do qual já me distanciei, sim, é lá que se abria um país de essência mais elevada, onde teria podido ir viver e que, desde então, perdi”. É preciso ver nesse lugar psíquico um “espaço potencial”, uma tópica a Winnicott? Não creio. Não é tampouco um paraíso perdido, nem uma utopia vivida. É outra coisa. Durante a viagem, é possível que tenhamos atravessado várias encruzilhadas, vários *lugares ou quase*, como você o traduz tão bem, e não somente cada vez que ultrapassávamos a linha virtual de um meridiano. Nessas zonas incertas, frágeis, precárias, rapidamente apagadas pelo sulco do navio, Ueinz teve para mim uma função de “passador” de limiares – da mesma forma, talvez, que a personagem do foguista em *América*, de Kafka, ocupa a função de filtro, de intermediador no universo do romance. Personagem furtiva que aparece desde o primeiro capítulo do livro para desaparecer o quanto antes, para esvair–se, corpo e bens, (mas sua “aura” nos persegue ao longo da leitura), personagem apenas nascida, já ameaçada de expulsão; de fato, esse foguista me toca bastante (ao contrário do resto do romance que me enfada com sua América barata parecendo um cenário dos estúdios de Babelsberg)... Há, nessa figura de perdição, encolhida como um rato nos porões do navio, alguma coisa de “amortecido” que desarma involuntariamente a brutalidade que o cerca. “Primeiro animal visível do invisível” (para retomar uma



bela citação de um poeta cubano, José Lezama Lima, que acabo de descobrir e que convém perfeitamente), ao mesmo tempo repulsivo e fascinante, soturno e indelével, o fogueira me parece o mais próximo da coisa inominável, desse nem “eu” nem “mim” (Beckett) que anula toda identidade; ele me parece designar, na sua própria inexistência, ou mais exatamente na sua existência tão pouco afirmada, “esse ponto invisível a olho nu mas que Cézanne viu” (como escrevia Peter Handke ao falar dos quadros da montanha Sainte-Victoire), esse limite apenas perceptível onde um ponto torna-se linha, onde uma molécula líquida torna-se gasosa, onde um oito deitado torna-se infinito. Elogio do impuro, das transformações e das oscilações à baixa velocidade... (Acontece-me com esse texto o que me acontecia frequentemente no navio: uma sequência muito imediata de momentos *in* e *out* ou de momentos *on* e *off* – não encontro as palavras exatas em “versão original” – em resumo, oscilações desse tipo). Nos porões do navio, você e os Ueinzz formavam um território existencial ao mesmo tempo completamente enclausurado e completamente aberto. A presença única de vocês não constituía nem um refúgio virtual nem mesmo um asilo no sentido nobre, acolhedor do termo, mas um *platô* por vezes bastante móvel, por vezes imóvel, onde os desejos e as angústias e as cóleras e os descansos e os risos coexistiam numa alegre desordem, numa franca igualdade. Rampa de partida e/ou muralha de proteção. Lugar feito de mil lugares/*milieu fait de mille lieux* (jogo de palavras muito comum em francês) onde poderíamos falhar, onde poderíamos encalhar, o fracasso tornando-se encalhe (de baleias). Entre vocês, até o tédio tornava-se uma possibilidade dinâmica. Seria isso o que vocês chamavam *désœuvrement* (ócio)? Entre os instantes de fulgurâncias e os tempos mortos, esses longos intervalos onde tudo recai, todo um leque de gestos e de palavras, de movimentos e de silêncios, reduzindo a nada – e isto é inestimável – o ritornelo melancólico do “está tudo perdido” (tá certo, tudo está perdido, mas isso não é uma desculpa, porque sabemos disso desde sempre, não é?!). Elogio do mínimo sopro, do mínimo olhar, do mínimo sorriso, do mínimo gesto, do mínimo – você vê como alinhio fórmulas batidas apesar da minha desconfiança crescente em relação a esses clichês do quase nada ou do infra-ordinário, que viraram moda e que agora foram abandonados, sem nenhum esforço ou custo, deixados aos perdedores e aos vencidos da história... Ao falar dessas “pequenas diferenças”, uma lembrança: um dia, na clínica La Borde, durante uma reunião de boas-vindas (tipo de assembleia geral com pensionistas e monitores), observei uma cena à qual até então não havia prestado



atenção. Um doente, hospitalizado há muito tempo, tem uma particularidade, a de agitar as mãos sem parar dando sempre a impressão de que quer dar um safanão na pessoa ao lado; quanto mais ele se irrita (ele se irrita rápido e frequentemente) mais ele as agita, dando bronca nas pessoas, insultando-as enquanto aponta um dedo indicador acusador que balança em todas as direções. Mesmo se esta não era a primeira vez que o via, notei o seguinte: se na maior parte do tempo seus gestos (sua maneira de agitar as mãos) são muito estereotipados (como um tique nervoso), por um instante, num clarão, poderíamos dizer, sua mão parece escapar-lhe e desenha estranhos arabescos no ar – diríamos então que sua mão parte desnorteada (mais ainda do que ele mesmo). Isso me fez lembrar o que Deleuze desenvolve acerca do que chama “o ritornelo e o galope”, dois componentes do tempo que ele define assim: o ritornelo é “a roda dos passados que se conservam”; o galope é “a cavalgada dos presentes que passam”. Sempre achei essas definições muito belas. Pois é, fiquei espantado ao ver que os gestos desse pensionista correspondiam exatamente a isso: de um lado, a estereotipia, o reconforto, a repetição que lhe permite segurar-se, compor-se; do outro, a linha de fuga, a pulsão incontrolável, a força de desterritorialização (palavra impronunciável mas incontornável), que o colocariam em risco de explodir em pedaços se nada viesse entravá-las mas que, ao mesmo tempo, são espécies de criações espontâneas, necessárias à existência... E isso tão logo me remeteu a uma observação que fizera recentemente... numa tabacaria parisiense (a gente tem o “campo” que pode)! Sempre senti um misto de horripilação e de incompreensão diante de certas atividades rotineiras, como as de um vendedor numa tabacaria, por exemplo: como se pode suportar ficar o dia inteiro atrás do balcão a entregar maços de cigarros e receber o dinheiro, efetuando no máximo quatro gestos e sempre os mesmos, eis um mistério que me escapa (portanto não digo que minhas atividades sejam mais interessantes nem menos rotineiras, mas essa me parece um modelo perfeito – modelo de quê? Isso é uma outra questão). Então, outro dia, ao ver o vendedor atender os clientes que estavam na minha frente, me dei conta de que não lhe bastava efetuar seus gestos habituais, mas a cada vez ele acrescentava uma figura de estilo (como quando nos divertimos em jogar cara ou coroa com uma moeda), uma pequena criação “manual”, um “dedilhar” que introduzia algo de imprevisto, de leve e estético no bloco de reflexos esperados, pesados e sem graça... Assim, mesmo um vendedor na tabacaria pode ser surpreendido adornando o mais insignificante dos gestos! Como que sem pensar, ele tentava tornar



belo o que é puramente banal, tornar suportável uma certa miséria comum, criar um efeito ali onde nada lhe é pedido. São mesmo notáveis esses pequenos gestos para nada, eles indicam que sob a chapa de chumbo há ainda vida, e se observarmos bem, todo mundo os efetua ao longo do tempo, sem nem ao menos se dar conta (nos momentos mais anódinos da travessia, mesmo os funcionários do navio e os turistas não escapavam a isso). Aqui também há ritornelo e galope. Mas se para um normopata a estetização do cotidiano é um tipo de compensação gratuita diante da adversidade, para um psicótico a história é outra: para ele, cada vez, é a sua vida que ele coloca em risco. É talvez essa a diferença (que não se deve situar no plano normal/patológico): por um lado, o “nada” torna-se um mais da existência (daí o interesse de introduzir o galope na trama dos fatos e dos gestos cotidianos), ele é um conforto, um luxo, uma frivolidade (uma cereja em cima do bolo, diz-se nesses casos); por outro lado, esse “nada” (que não é o mesmo) é ao mesmo tempo pleno de vida e “pleno de vazio”, ele é uma ameaça, um chamado, uma vontade de potência e uma vertigem de abolição (daí a necessidade de não se eliminar os ritornelos)... Ritornelo e galope, velocidade e lentidão de um gesto, de uma decisão, um sorriso, um olhar para o lado onde tudo parece escapar-se, de um humor passageiro que desliza pelos traços da face, uma pinta que como um grão corre rumo ao horizonte, a outras paragens, um grão de voz, um grão de loucura... Intensidades furtivas, efêmeras e tanto mais potentes, a colocar à prova a infinita paciência das vidas minúsculas... Trata-se de uma “linha de vida”, de uma “força produtiva”, de uma “imagem do pensamento”? Isso teria então, talvez, alguma coisa a ver com a teoria da “sobrevivência”, desenvolvida pelo historiador da arte Didi-Huberman (ele é traduzido no Brasil?), um tipo brilhante que tem o mérito de pensar os fenômenos a partir das imagens passadas e presentes ao invés de pensar a imagem a partir de... (da fenomenologia, por exemplo). No seu pequeno livro tão bonito, *Survivance des lucioles* [*Sobrevivência dos vaga-lumes*], esse autor retoma um artigo magnífico de Pasolini (meu cineasta fetiche – você ainda não sabe, mas aquele que ousa falar mal de Pasolini na minha frente está condenado aos infernos!) intitulado *La disparition des lucioles* [*O desaparecimento dos vaga-lumes*], escrito um pouco antes de seu assassinato em 1975 e após ele ter publicamente renegado sua *Trilogia da vida* (que era de alguma forma um hino à cultura popular e à inocência sexual). Nesse artigo, PPP denunciava mais uma vez o fascismo sempre operante na sociedade de consumo e a destruição antropológica que esta efetua; para isso, utilizava



a metáfora (de fato uma verdadeira imagem cinematográfica) do desaparecimento dos vagalumes no campo, vítimas da poluição, do produtivismo etc. GDH retoma essa metáfora mas realiza uma inversão: apoiando-se particularmente em Walter Benjamin, ele tenta mostrar que os pequenos lampejos (*lucciole*) de alegria e de resistência, diante dos poderes mortíferos e suas grandes luzes (*luce*) midiáticas, não desapareceram, ao contrário do que o desespero pasoliniano dava a entender, mas que eles se deslocaram e que nós mesmos devemos nos deslocar se quisermos vê-los. Ao final, para ilustrar o que ele chama “imagens–vaga–lumes”, “imagens no limiar do desaparecimento, sempre movidas pela urgência da fuga”, GDH cita um filme de Laura Waddington, *Border*, realizado em 2004, nos campos de refugiados instalados no norte da França por governos xenófobos. Nesse documentário, a cineasta vai ao encontro de refugiados afegãos, iraquianos e outros que tentam escapar da polícia (dos fochos de luz dos projetores) e imigrar para a Inglaterra. GDH descreve uma cena na qual um refugiado curdo dança numa estrada, na noite e ao vento, só com seu cobertor sobre os ombros, “este é o ornamento de sua dignidade, e de certa forma, de sua alegria fundamental, de sua alegria apesar de tudo”. Ao invés de uma simples maneira de estetizar uma situação catastrófica, parece-me que, nessa escolha de valorizar os menores lampejos emitidos por seres humanos de existência ameaçada, há uma vontade deliberada de afirmar o caráter indestrutível do desejo (aqui, o de circular livremente). Esse “filme–vagalume”, que dá conta de condições de existência das mais sombrias, lembrou-me um outro documentário, brasileiro, que vi num festival há quatro ou cinco anos, e que se chama Estamira, nome de sua personagem principal: uma velha mulher muito louca (lembro-me que ela fora diagnosticada como esquizofrênica, mas é preciso desconfiar desse tipo de etiqueta, não sei como se passa no Brasil, mas muitos débeis oficiais chamam “esquizofrênico” tudo o que não compreendem e que lhes dá medo, o espectro é amplo!), uma velha louca então, muito delirante, que sobrevive num lixão nas colinas do Rio de Janeiro (se minhas lembranças são exatas). Você viu esse filme de Marcos Prado? Ele me deixou realmente maravilhado, de uma grande beleza plástica (em branco e preto, com grão), e os delírios (um tanto místicos, um tanto políticos, como sempre) de Estamira eram um soco no estômago. Havia ali toda a “vitalidade desesperada” (PPP) de uma parcela da humanidade que tenta escapar da loucura do mundo... Prova de que nesses tempos de obscuridade ofuscante, restam por toda parte, no mundo, pequenas chamas que é preciso tentar manter vivas...



É essa em todo o caso a conclusão de Didi–Huberman: “mergulhados na grande noite culpada, os homens irradiam às vezes seus desejos, seus gritos de alegria, seus risos, como lampejos de inocência”. Ueinzz, um coletivo–vaga–lume? Mas me dou conta de que fico nas generalidades... Como tudo isso é pesadamente cultural! Todas essas citações, essas referências, esses grandes pensamentos aos quais pedimos socorro, todos esses Autores que fazem cintilar a página! Notei uma tendência bastante compartilhada no seio de nossos grupos “europeus”, a de recorrer ao Saber (mesmo luminoso) e às Figuras tutelares (mesmo esclarecedoras), como se “nós” precisássemos nos apoiar na nossa boa e velha bagagem cultural para nos assegurarmos de estarmos bem aqui... Como se não tivéssemos certeza de mais nada e somente alguns nomes próprios pudessem nos justificar... Então, carregamos na erudição, tentando encaixar nosso saber por inteiro num último sobressalto, um pouco como essas árvores vítimas das chuvas ácidas, que brotam várias vezes no ano antes de morrer. Síndrome do papagaio (você sabe, esse animal que só fala besteiras, que só repete os “significantes”) ameaçado pelo aquecimento climático? Por enquanto, tenho o sentimento de dar voltas, rodear o toco, o pote (*au noir*), de me aproximar (às vezes) ou senão de me distanciar (com frequência) do que eu gostaria de captar com você *como que sem pensar*: algo da ordem de um encontro, de um agenciamento, não como um “tema” a tratar, mas como um “tom” a encontrar entre nós, um outro nível de fala... E durante esse tempo, vocês inventam palavras, sons, riscos e palpitações!

\*\*\*

W W Chegou *L'impossible*, obrigada. Que nome lindo para uma revista! O impossível ao acesso das mãos (os dedos deslizam). Diverti-me ao levá-la comigo às ruas na intenção de atrair bons imprevistos. E o que aconteceu? Imagine um aglomerado urbano monstruoso a proliferar num planalto separado, por uma grande serra, da costa (São Paulo). Aterrissei numa de suas bordas onde se pode ver o mar, uma linha azul no horizonte longínquo. Os navios reduzidos a pontos brancos. Dá para acreditar? Nesse pequeno enclave da periferia da cidade vivem índios. Lá fincaram os pés e falam guarani. WWW Quanta força para agarrar os fios de uma história! Força que vem do Sol. Os guaranis acreditam que o Sol os criou. Têm uma vida espiritual voltada a ele. Um modo de vida que sobrevive no limite, numa encruzilhada, mas dançamos, cantamos e comemos juntos num chão de terra batida, vermelha. A história da América é feroz, extermínio





Têm grande poder de deslocamento! Em nossa correspondência notei muitos bichos. Peixes voadores, mergulhões, gaivotas, tangarás, ovelhas, cães, borboletas, vagalumes. À noite, na Ilhabela, litoral de São Paulo, ainda se podem ver milhares de vagalumes. Verdadeiras nuvens deles rendam as matas, as bordas das praias, os antigos quilombos (áreas para onde os escravos fugiam em busca de liberdade). Você apontou uma micropolítica das cores, deve haver outra dos animais. É linda a ideia dos acontecimentos vagalumes de Didi-Huberman que você recolheu (sim, ele tem livros traduzidos no Brasil, mas não esse que você citou). É vital manter acesa essa percepção delicada da pulsação do mundo, dos gestos minúsculos em variação (como você notou em *La Borde* e na tabacaria parisiense). Douceur. Em meio ao céu a ao inferno de nosso *Theatro de Oklahama*, o *douceur* é uma linha de transversão, a espuma que entra pela janela do trem e faz o rosto arrepiar, como diz Kafka no final de *América*. **W**

**WW**

**WWWWWWWWWW**

(viemos aqui nos alegrar, viemos todos nos maravilhar, viemos aqui nos encantar, viemos aqui nos deliciar).

**WWWWW**

**WW**

Estamira filme vagalume! Compartilho com você essa admiração. Estamira mulher-cometa, guerreira sanguínea contra a humilhação, a crueldade, a moralidade, a judiação, os estupradores, os silenciadores, os astros negativos. Ela afirma enquanto seu corpo tremula e as mãos erguem-se: “o astro Estamira não vai mudar seu ser, não vai ceder o ser a nada, sou Estamira, está acabado, Estamira mesma... eu nunca tive aquela coisa que eu sou, sorte grande”. Onda furiosa, estrondosa, luminosa. Bola de fogo. Grito de vida em meio ao lugar mais improvável, o lixo.

**WWWWW**

**WW**

Sua ideia de zona intermediária, cruzamento, atravessamento, mestiçagem, invenção-reinvenção a partir de lugares reais é bem bonita. Generosidade.

**WWWWW**

**WWW WWWWW**

A seu modo, Estamira e o cineasta do filme, Marcos Prado, miram para algo que nasce da vida-cometa, do lixo e seu borbulhar, do vento rascante, do fogo, do mar, da poeira, da chuva, da névoa, das serras, das luzes. Um sol duplicado arde na noite das montanhas de restos de papéis, plásticos, da terra em putrefação, em transubstanciação. **WW** Na performance *Cais/Kaos* de ovelhas, emaranhados de fios rubros envolvem os corpos, tensionam a ocupação do espaço, compõem um figurino-





pássaro. Invisível na ponta dos dedos. Ao meu lado, um amigo fazia o elogio da catástrofe. Toda catástrofe abre os seres, ele insistia, lendo alto um trecho do livro *Ó*, do escritor brasileiro Nuno Ramos. Pois é preciso converter tudo o que perdemos em maravilha, como um ataque com lança ao olho do tufão... Somente o mundo em pedaços pode ser convertido em matéria não conformada... Lindo (você conhece?). Dia–tangará, noite–catiti. Cheguei em casa com a lança nas mãos. Agora passo–a! Pegue!

WW (viemos aqui nos alegrar, viemos todos nos maravilhar, viemos aqui nos encantar, viemos aqui nos deliciar)

WWWWWWWWWWWWWWWWWWWWWWWWWWWWWWWWWW  
WWWWWWWWWW

Bibliografia: poema ameríndio Mbya Guarani / Couto de Magalhães / Jorge de Lima / Baudelaire / Kafka / Didi–Huberman / Marcos Prado–Estamira / Viveiros de Castro / Carlos Fuentes / Nuno Ramos.

Tradução de Carmen Oipari e Sylvie Timbert

\*Paula Francisquetti é psiquiatra, psicanalista e membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapiente. Fez mestrado no Programa de Pós–Graduação Interunidades de Estética e História da Arte da USP. É da equipe da Cia Teatral Ueinz. Tem explorado a escrita em situações diversas.

\*Olivier Apprill é redator da revista francesa *Arte Magazine* e autor de documentários radiofônicos. Antigo estagiário da clínica de La Borde, exerce a psicanálise no contexto de uma associação que recebe jovens adultos em situação precária. É autor de *Un avant–garde psychiatrique – Le moment GTPSI (1960–1966)*. Participa do coletivo *Presque Ruines*.